

# CINE-JORNAL

ANO I-N.º 31 — 18 DE MAIO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

*freddie  
bartholomew*



**NESTE NÚMERO: "BOCAGE", visto por LEITÃO DE BARROS**

# Mickey, «A Living Personality»

**M**ICKEY, o simpático ratinho, está de novo em foco. Embora uma recente estatística elaborada na América do Norte demonstre a crescente popularidade de Popeye, brutal marinheiro cuja violência contrasta com a delicada ternura de Mickey, este continua a merecer a mesma admiração entusiástica dos «fãs».

Sobretudo das crianças, a quem horrores com os excessos de Popeye, o seu infernal cabimbo e aquela voz gutural, género espanta-pardais. De facto, Segar e Fleisher, os criadores de Popeye, nunca conseguirão que este ocupe na alma sensível da pequenada o lugar que Walt Disney alcançou para Mickey.

\* \* \*

Diametralmente opostos, na maneira de agir e de sentir, Popeye e Mickey encarnam duas doutrinas diversas, dois pensamentos diferentes, duas concepções entre as quais existe um fôssco intransponível: a violência e a doçura.

Mickey realiza pela inteligência o que Popeye obtém pela força. Mickey é o verbo, Popeye a máquina destruidora. A pestar de simples rabiscos de tinta são humanos e traduzem a vida de todos os dias...

Postos em presença, não nos espantaria que Popeye esmagasse Mickey. Po-

peye tem a força, dispõe de músculos, conquanto não possua inteligência. Todavia a Mickey, dominado fisicamente, restar-lhe-ia a beleza da sua tragédia e o exemplo que legaria para dignificação do primado da inteligência, quantas vezes vítima indefesa do bárbaro sadismo dos Popeyes.

\* \* \*

Mas, para onde vou eu? Surpreendo-me por vezes a deambular insensivelmente pelo papel, o que aliás não passa sem o protesto da minha dedicada leitora, que exige menos filosofia e mais prosa cinéfila...

Lembrando-me dêsse facto, contá-lhes-ei que Walt Disney leve, agora, a peregrina ideia de pretender segurar Mickey. E nada mais, nada menos, do que por um milhão de libras. O criador de Mickey pensa no futuro, e horroriza-se com a ideia de que o seu herói, forçado amanhã a retirar-se da tela, não lhe assegure um «relativo» bem estar.

Porém, a companhia de seguros recusou-se. O caso era delicado. Mickey não é uma personalidade palpável. É de tinta da China. E um milhão de libras representa muito dinheiro. Todavia Walt Disney teima, porque considera Mickey como «a living personality», isto é, um ser com cabeça, tronco, mem-

bras... e fósforo. E por isso continua a procurar. Não haverá por aí quem queira segurar Mickey?

De resto, Disney não se limita a considerar Mickey como «a living personality» só para efeitos de seguro. Não. Até nos tribunais é impõe a sua tese.

O comissário de Marcas e Patentes da Federação Australiana viu-se ultimamente muito embaraçado, porquanto uma casa de aparelhos de T. S. F., a Rádio Corporation Propriety, lembrou-se de escolher Mickey Mouse para sua marca registada. Walt Disney, que defende ferocemente o seu herói, apressou-se a traduzir o caso perante aquele Comissário, erigido em juiz.

\* \* \*

O representante de Walt Disney lá afirmou, mais uma vez, que Mickey é uma pessoa bem viva e que inclusivamente recebe correspondência como qualquer estrêta.

Embora a decisão do juiz tivesse ficado reservada, não hesitamos em sublinhar quanto apreciaríamos ver Mickey definitivamente «personalizado», sinal de que vencerá a inteligência, e Popeye aniquilado porque então ganharia duplamente a Humanidade...

OPERADOR N.º 13



Robert Montgomery, nos horas vagas, grava discos



Madge Evans e os seus dois cães, premiados num recente concurso



Florine Mac Kinney resolveu o problema do calor: dentro duma geleira a comer sorvetes...



Ann Hording com dois leõesinhos de mamã

## A grandiosa realização de «Maria da Escócia»

*Maria da Escócia*, o novo filme de Katharine Hepburn, promete ser um dos mais sumptuosos do ano. A realização pertence a John Ford, que dirigiu o *Denunciante* e conta-nos a vida da trágica rainha da Escócia.

Para os trajes de Katharine Hepburn foram precisos mais de 2.000 metros de veludo. As jóias da soberana pesam 50 quilos. Cada um dos fatos que a famosa vedeta exhibirá pesam cerca de 8 quilos e foram desenhados por Walter Plunkett. Os tecidos foram importados da Pérsia, Índias e França.

Para este filme sensacional foi reconstituído o célebre relógio *Memento Mori*, que pertenceu a Maria da Escócia, e que é feito sobre um crâneo humano. A rainha trará de França êsse relógio, de regresso à Escócia, após a morte do seu primeiro marido, Francisco II.

Para a nova produção de John Ford foi feita, também, uma reprodução do livro de orações que a desventurada rainha conservou sempre até ao cadafalso. O colégio de Stonyhurst, em Inglaterra, possui o original.

### TOMÁS ALCAIDE EM HOLLYWOOD

Foi CINE-JORNAL o único publicação o fazer-se eco das notícias, que de Paris nos foram enviadas, sobre o próximo ido de Tomás Alcaide poro Hollywood.

Os jornais noticiaram, há dias, que o nosso compatriota assinou já o contrato com a M.-G.-M. — o que registamos com júbilo, não só porque estamos em presença do primeiro português que vai para Hollywood numa posição invejável, mas também por o facto confirmar, à evidência, a superioridade dos nossos serviços de informação, sobre os das publicações concorrentes — destruindo os boatos propalados de que os noticios que vinhamos dando o lume eram comunicados publicitários.

CINE-JORNAL obteve mais uma vitória de informação!



Loretta Young, no vivenda do campo, com os seus companheiros favoritos

## A PRODUÇÃO DA METRO-GOLDWYN-MAYER PARA A PRÓXIMA TEMPORADA

A Metro-Goldwyn-Mayer fixou já o seu plano de produção, para o novo temporada. Antes de mais nada, cumpre-nos dizer que ele é absolutamente notável, pelo equilíbrio e pelo nível dos películas que inclui. A partir do presente número de CINE-JORNAL, dedicaremos o nosso página central à produção da M. G. M., filme por filme. E estamos certos de que os nossos leitores vão seguir, com o maior interesse, o desfile das imagens que cada uma delas reproduzirá, porque levantam, um pouquinho, o véu que encobre o mistério da produção do novo temporada!

Aos exibidores recomendamos uma análise atenta das produções magníficas da Metro-Goldwyn-Mayer — o qualidade no quantidade: o interesse artístico aliado, em absoluto, e na proporção ideal, ao interesse comercial.

## Como é que descansam!

É curioso verificar que as vedetas de cinema «descansam», à sua maneira, entre as filmagens — e em regra cansando-se o mais possível.

Katharina Hepburn, por exemplo, parece nunca repousar. O que a distrai é discutir autores, «golf», aviação — seja o que for, contanto que não diga respeito aos filmes.

Ginger Rogers quando cessa de voltar nos seus bailados, senta-se num grande «fauteuil», a ler. Fred Astaire, mal apanha um momento livre, foge para um recanto do estúdio. Para repousar?! Nada disso: para voltar a ensinar os seus passos.

## O mistério de Loretta Young

Durante alguns meses, Loretta Young, manteve-se afastada dos estúdios. Afirmando-se que a linda estrelinha se encontrava seriamente enferma. Um jornalista americano, o célebre «descobridor de escândalos», Walter Winchell, publicou, acerca da linda vedeta, um artigo, com novas sensacionais, e no qual se afirmava que ela não só sofria duma doença, que a inutilizaria para sempre, como também se encontrava na maior miséria.

Felizmente, tudo isto é falso! Loretta Young está trabalhando já nos estúdios da Metro. Quanto às suas irmãs Polly



Jean Harlow e Myrna Loy parecem interessadíssimas, ao ouvir Clark Gable ler um artigo que lhes diz respeito

Ann Young e Sally Blane estão contratadas e numa situação desafogada.

Mas o mais simpático de tudo isto é que em redor de Loretta chegou-se a esboçar um autêntico movimento, e todas as personalidades da Cineândia se declararam prontas a auxiliá-la.

Hollywood, afinal, não é tão ingrata, como parece.

## JACQUES EDELSTEIN

Esteve, há dias, entre nós, o sr. Jacques Edelstein, administrador-delegado da Metro-Goldwyn-Mayer na Península, que veio tratar de assuntos que se prendem com a produção da sua firma, para a próxima temporada.

## Os oito mandamentos dum realizador de filmes cómicos

Norman Taurog, o realizador de *Strike me Pink*, o mais recente filme de Eddie Cantor, enunciou, há pouco, as oito regras a que deve obedecer um realizador, que esteja em contacto com os humoristas profissionais:

1 — Devemos ter presente esta verdade: fazer rir é algo de esgotante. Os cómicos são as pessoas mais sérias desta vida.

2 — Sejamos, sempre, o mais entusiasta dos seus admiradores. Devemo-nos rir, com espalhafato, deles e com eles, ainda que estejamos convencidos de que a cena não resulta. O cómico necessita boa dose de entusiasmo.

3 — Não tentemos mudar-lhe a personalidade. Tenhamos presente que, se um cómico alcançou, durante vários anos, um êxito apreciável, haverá mu-

ta gente que não apreciará a metamorfose.

4 — Há que insistir no facto das caracterizações serem simpáticas ao público.

5 — Não procurem tirar-lhes os seus «props» — as bengalas, chapéus e outros adornos, de que se servem habitualmente, quando trabalham, e com os quais arrancam sempre as gargalhadas dos espectadores.

6 — Não cedam à tentação de lhes dar papéis profundos. A arte talvez ganhe, mas o filme perde em comicidade.

7 — Quando eliminarmos alguma cena ou alterarmos o texto, tentemos convencer o cómico que procedemos assim, em virtude das sugestões que ele próprio nos fez...

8 — Nunca nos esqueçamos disto: os cómicos — são crianças.

## Os dez melhores cozinheiros de Hollywood

Hollywood tem a obsessão dos dez melhores filmes, dos dez melhores atletas, dos dez melhores fundadores, etc. Agora, acaba de estabelecer a lista dos dez melhores cozinheiros de Hollywood, no capítulo de vedetas, claro está, após um concurso que meteu provas práticas. Não se espantem com a bizarria dos temperos e vamos aos resultados:

1 — *Mary Pickford*: com carne assada temperada com vinho da Madeira.

2 — *Miriam Hopkins*: com a «Salada do Paraíso», legumes e frutas com molho alcoólico.

3 — *William Powell*: com os seus «corn dodgers», torta de farinha de aveia de Kentucky, com toucinho frito, pulverizado.

4 — *Millicent Bartholomew* (a tia de Freddie): com pastelinhos de camarão «à la crème».

5 — *Merte Oberon*: com rins grelhados, temperados com salsa do diabo.

6 — *Mrs. Cantor* (mulher de Eddie Cantor): com os seus «ovos à Eddie Cantor».

7 — *Paulette Goddard*: com ovos de bacalhau com presunto.

8 — *Joel Mac Crea*: com farinha de aveia torrada, em salada (?)

9 — *Jean Parker*: com salmão, temperado de salsa holandesa.

10 — *Mrs. Goldwyn* (mulher de Samuel Goldwyn): com uvas envoltas em queijo Gruyère e coração de alcafofra envolto em toucinho frito.

## A sócia de Shirley

GINETTE MARBEUF-HOYEL, a sócia francesa de Shirley Temple, partiu para Hollywood, a fim de levar, à estrelinha da Fox, as saudações de todas as crianças francesas.

## Duas «Rainhas das Borlistas»...

Jean de Limur anuncia para breve, a realização do novo filme de Paulette Goddard, que se intitulará *A Rainha das Borlistas*. Por seu turno, René Pujol está escrevendo o argumento do novo filme de Georges Milton, que é uma continuação de *O Rei das Borlistas*, e que se chamará, também, *A Rainha das Borlistas*...

## Ginger Rogers, vedeta...

Ginger Rogers tinha um desgosto profundo... Nunca aparecera, na tela, como principal intérprete dum filme! Ou por outra: quando surgira, nessa qualidade, tivesse sempre um parceiro igualmente célebre: Fred Astaire, William Powell, etc.

Pois muito bem! A R. K. O., acaba de fazer, a vontade à simpática estrelinha, Ginger Rogers é a protagonista de *In Person*, onde tem George Brent por parceiro!

Nesse filme, que, em português, se poderá chamar *Em Carne e Osso*, Ginger encarna a figura dum artista célebre que se disfarça sob uma aparência desagradabilíssima, para se livrar da perseguição dos admiradores.

É claro, tudo se descobre mais tarde, a bem do amor — e do próprio filme...

O argumento tem — no dizer dum crítico americano — a graça e a categoria do de *Uma Noite Aconlecida*.

**E**STREOU-SE, há dias, na América, um filme grandioso, à memória do grande Ziegfeld, que William Powell encarna superbamente. Esse filme, que tem a particularidade de ser um dos mais espetaculares e sumptuosos realizados nos últimos tempos, custou milhões — e dura três horas a desenrolar. É uma revolução total na concepção do espectáculo cinematográfico, porque, no dizer dos críticos, nunca se torna pesado. Pierre Lamure, no «Jours», publica o curioso artigo que se segue, sobre este filme espantoso que Powell, Myrna Loy, Virginia Bruce e Louise Rainer interpretam:

Já lá vão seis anos. Uma hora antes, a cortina de veludo verde, desceva lentamente, como que com pena, entre as aclamações dum público entusiasta. Os porteiros haviam levado flores à vedeta, que sorria num agradecimento constante. O entusiasmo chegara a tal ponto que — oh! Céus — se viram críticos dramáticos a dar palmas. Esta «première» fora um triunfo!

Agora o teatro está vazio e escuro. Extinguiram-se as últimas lâmpadas. Os espectadores partiram. E as próprias «coveuses» voltaram a casa.

Estava entre bastidores, encostado a um cenário velho, aguardando o momento de ser chamado ao camarim da vedeta que me prometera uma entrevista. Era novo e vaidoso. No meu «carnet» apontara lódas as perguntas subtis e indiscretas. Sentia-me senhor do meu papel e um bocado toleirão com a missão de que me haviam encarregado.

A dois passos, encostado a uma árvore em cartão, lobriguei um Índio. E digo um Índio porque tinha as feições muito marcadas, o nariz «à papagaio» e uma pele acobreada. Afinal, não era um pele-vermelha, mas sim Florenz Ziegfeld, o maior empresário americano. Estava ali, esquecido, como eu, naquele recanto obscuro, resignado, à espera da vedeta, que se chamava Billie Burke e que era... sua mulher!

Vinte vezes tentara entrevistar Ziegfeld. Mas de cada vez encontrara o meu Trafalgar na pessoa duma secretária, magra e sêca, de óculos reluzentes, e que, o mais delicadamente possível, me enviava para o diabo. Lembrava-me, ainda, dessa humilhação.

E eis que o homem que eu tantas vezes procurara, estava ali, à minha frente, com tempo disponível, e sem «secretária-guarda-costas»... Ocasões, há uma — e eu não estava disposto a perdê-la:

— É o sr. Ziegfeld, não é verdade?

— Sou, o que nem sempre me diverte...

Sabido que do ataque depende dois terços da vitória não hesitei:

— Há dois meses que o procuro entrevistar. Mas o senhor está de tal forma cercado de cerebros, de dragões com óculos, de secretárias... No entanto quero dizer-lhe apenas que o senhor é um dos dois americanos populares no mundo inteiro. O outro é Henry Ford. Com efeito, não há ninguém que não tenha ouvido falar nos automóveis Ford e nas Ziegfelds Follies.

Não era a expressão da verdade, o que acabara de dizer. Sabra-o, perfeitamente. Mas pensava que se o lisongeasse não perderia uada com isso. Antes pelo contrário.

Sorri tristemente, passou lentamente a sua mão nodosa pela cabeleira grisalha:

— Gostaria de ter o dinheiro de Ford. Eu tenho, apenas, dívidas.

Nesse mesmo instante, a porteira abordou-o para lhe dizer que a sua mulher, a vedeta, estava à espera d'ele no camarim. Quando se foi embora, disse-me:

— Procure-me amanhã de manhã, no escritório.

No dia seguinte, às dez horas, lá estava no Ziegfeld Theatre, onde o empresário tinha o seu escritório. Fulminei com um olhar a secretária, que ruminava coisas ininteligíveis — e esperei... três horas. Nessa altura, não sabia ainda que a gente de teatro se levanta ao meio dia e começa a viver o mais tarde possível.



# ZIEGFELD

o celebre empresário americano, evocado num filme cuja projecção dura tres horas!

Por fim, chegou. Reconheceu-me imediatamente e fez-me ingressar no seu santuário. Vi, na sua secretária, o famoso telefone doirado, de número secreto, que ele usava sómente para falar à mulher. Nas paredes, retratos de centenas de lindas raparigas, que ele «glorificara» nas suas revistas, e que a ele deviam, muitas delas, a carreira e a fortuna.

Depois, tive o privilégio de conhecer bem este homem extraordinário, que foi no Teatro o que Barnum foi no Circo, e cuja memória permanece bem viva nos anais do Teatro americano.

Assisti ontem, à noite, à *première* do filme *The Great Ziegfeld*, que, além da história da sua vida, é um monumento sumptuoso, erguido, pelo cinema, à memória daquêle que foi o seu mais fervoroso inimigo.

## A ressurreição dum homem

Estreou-se como pregociro de espectáculos nas feiras. Esta profissão, uma

das mais antigas no mundo, demanda pulmões e uma boa soma de epítetos.

— Minhas senhoras e meus senhores! O espectáculo que ides ver é a oitava maravilha do mundo! As cabeças coroadas da Europa, os rajás das Índias, os banqueiros de Londres e os mais poderosos magnates da indústria atropelaram-se, empurraram-se, quasi se agrediram, para admirar a indizível beleza, a incomparável elegância, de tão fulgurante espectáculo. Nunca se viu um esplendor assim! Nunca se ouviu uma música assim. Tudo é colossal, gigantesco, piramidal. Vamos, meus senhores e minhas senhoras. A bilheteira é, ai, à esquerda, e a entrada custa, apenas, dez cêntimos...

Como vêm, o estilo de Hollywood define-se logo de início... Em breve, Ziegfeld era pregociro na feira de Chicago em 1888, o que fazia o desespêro de seu pai, que era professor de música, no Conservatório de Chicago.

Mais tarde, vemos o nosso herói, que ganhou alguns milhares de dólares, ir

para Monte-Carlo, disposto a levar a banca à glória. Deixa lá ficar o último cêntimo. De volta, fica em Londres, onde procura arranjar 500 dólares.

Em lugar de comprar um bilhete para a América, compra um formosíssimo ramo de orquídeas e envia-o a Anna Held, que não conhecia, e que era, ao tempo, o nome máximo de «music-hall»! Por milagres sucessivos de dialéctica persuade essa jovem e ingénua vedeta a recusar as ofertas brilhantes dos empresários americanos, que lhe pedem que vá cantar *La Belle Tonkinoise*, a Nova-York, e convence-a a assinar contrato com ele, que não faz questão de dinheiro, simplesmente pela razão de que o não tem...

E aqui temos Ziegfeld a apresentar Anna Held em Nova-York e a alcançar o seu primeiro êxito. E é tão grande, na realidade, que casa com ela. Aparecem, então, as primeiras Follies, que o deviam tornar célebre.

Triunfou. Procura fazer tudo com uma grandeza desproporcionada! Tem um fraco pelas orquídeas e envia ramos a torto e a direito. Sua mulher surpreende-o quando ele se prepara para enviar beijos a uma linda actriz. Como adora o marido, divorceia-se imediatamente.

De resto, era de prever. Uma biografia americana deve contar, pelo menos, dois casamentos — e uma grande paixão. Após o seu divórcio, Ziegfeld fica tristíssimo. Mas quando entrevê, num baile de máscaras, a cabeleira ruiva de Billie Burke, perde novamente a cabeça e readquire a felicidade.

Após uma corte sentimental, com uma linda cena nocturna sobre o Hudson, acaba por desposar a beta, que o encantou.

Os anos passam. O grande Ziegfeld é, agora, um modelo de virtude, e caminha já para a velhice. O gásto do luxo domina-o e gasta mais do que seria prudente.

A bôta esvasia-se. E quando os primeiros reveses surgem, quando os fiascos se sucedem a outros fiascos — a situação é tremenda. A mulher vende as joias que lhe deu outrora — e a fortuna volta a sorrir. Dum golpe, apresenta quatro êxitos, do qual o maior é *Show Boat*.

Esquecemo-nos de dizer que ele é um jogador incorrigível e que pretende ganhar uma fortunazinha, como lóda a gente... Mas o «krack» de Outubro de 1929 deixa sem um cêntimo o velho empresário — um velho esgotado, doente, crivado de dívidas. Não perde a esperança, contudo. E morre, em 1932, numa agonia feliz, com uma gardénia na mão, a evocar, no delírio, as aboices dos seus êxitos de outrora.

## Glória ao vencido

Hollywood enobrecceu-se ao dedicar um dos seus mais belos filmes, e um dos mais caros (custou cêra de 40.000 contos) à memória do homem que até ao fim foi o mais acérrimo inimigo do cinema. Até o derradeiro suspiro, permaneceu fiel ao tablado. Ferido de morte, no coração, viu as suas vedetas, uma a uma, abandoná-lo e partir para a Califórnia. Em vão lhe enviava telegramas: «Tornem a voltar para cá! Já não são artistas? Não querem ouvir as ovações entusiásticas duma sala? Não têm vergonha de consentirem em que vos exportem, dentro de caixas de fôlha, como sardinhas de conserva? Nemhna delas voltou. Não tinham vergonha, de facto, de serem expeditas em caixas de lata, de se exhibir nos «écrans» de todo o mundo — e de embolsar milhares de dólares por semana! Ziegfeld morreu abandonado. A sua própria mulher, Billie Burke, é hoje nua vedeta de cinema!...

Ergueu o teatro americano a um grau de esplendor, que nunca mais voltará a conhecer. Hoje o público contenta-se com sombras sobre uma tela, e apaixonar-se por uma imagem. Por uma ironia pungente, o filme que Hollywood acaba de dedicar à memória do grande empresário é, também, um monumento à indústria de Teatro, que o cinema feriu mortalmente.

PIERRE LAMURE



# Primeiras impressões sôbre o filme

## « B O C A G E »

por LEITÃO DE BARROS

Meu cara Fernando Fragoso: Escreva-lhe estas primeiras impressões sôbre o filme que estou a trabalhar para o S. U. S. porque você julga que eles podem interessar aos leitores do seu revista, e não porque deseje pessoalmente fazer publicidade ao meu trabalho. Entendo que não devemos otropelar os poucos produções nacionais que o meio português comporta, não dando, a cada uma, o tempo preciso para que o público fixe exclusivamente o atenção sôbre um filme. É ôsse o motivo porque trabalhando, há um mês, de dia e de noite, e tendo dominados completamente os interiores da nova produção feito na Tabis, ainda nada fizemos de propagação, por isso iniciativo. De resto, cada vez me meto mais dentro do meu trabalho, fazendo o que posso e sei — que bem pouco é — apenas com o fito de contribuir com a esfôrço, entre o de tantos outros, para que o pequeno multidão que entre nós já hoje vive do cinema, tenho continuidade no trabalho e se operefice.

Mas você quer impressões sôbre o BOCAGE, e eu prometi-lhos.

São rápidos linhos escritos quando dezenas de pessoas esperam por mim para que eu tome de novo o fio de comando desta corovano grande: duas versões dumo obra de cinema português.

BOCAGE será talvez o filme nacional que dará ao público maior impressão de grandeza e de luxa. Isto mercê do condições especiais de «mise-en-scène»: o «décora» da Lisboa Antiga, os interiores de

Queluz, as decorações que construímos com muito rigor no estúdio do Tabis, o qual continuo sem recursos para nele se poder fazer um filme das exigências dêste ou de qualquer outro de técnico moderno.

BOCAGE é um filme feito sem assistentes técnicos. Não os há em Portugal. Não vale o peno mandá-los vir do estrangeiro, porque custom caras e em geral vêm posoar. Os bons ficam lá. Os ropoxes que em Portugal podiam ser assistentes, ou não têm prático, ou estavam ocupados ô dato da organização do meu filme. Dai o terrível esfôrço pessoal de trabalho sem colaboradores especializados. Artur Duarte que chegou há 8 dias para auxiliar veio no qualidade de «regisseur». É o único português que tem acompanhado no estrangeiro muitos realizações cinematográficos.

BOCAGE é um filme de evocação histórica — o não um filme histórico.

BOCAGE é uma personagem altamente dramático e nós fizemos dêle, apenas, o figura humano, vivendo um momento sen-

timental e risinho do sua vida. Não é um filme biográfico ôste. Muito menos documentário.

Contentemo-nas com uma ligeiro comédia musical de espectáculo e de encenação, brevemente caricatural, com um ou outro traço verdadeiro no figuro dominante, popular sem ser baixo, pictural sem ser alcaográfico, e estruturalmente portuguesa, sem buscar a menor inspiração em nenhum filme americano, alemão, ou francês.

A música e os bailados dêste filme são dois dos aspectos importantes. Posso dizer-lhe com alegria que considero tôdos os melodias de BOCAGE do melhor que se faz em qualquer parte do mundo. Corcio Leite, Corderon, Portelo e Cruz e Sousa, foram felizes. Principalmente Corcio Leite, o quem se deve a grande maioria dos números musicais, que são muitos, foi dumo Inspiração e tôdo o altura.

Em tôdos os números vol «alguma coisa». Tive pena que Frederico de Freitas — o meu grande colaborador do SEVERA —

não pudesse trabalhar de novo comigo. Mas mentiria se lhe dissesse que, hoje, depois de tôdo o músico entregue, eu sentio ainda razão para me lamentar.

Quási que sã do músico lhe posso falar. Da interpretação, ainda é cedo.

Devo no entanto dizer-lhe que Rôul de Carvalho, segundo êle próprio declara — considera ôste o «seu filme». Isto quero dizer que o meu principal artista está entusiasmado com o suo obra. Também lhe mentia se lhe dissesse que não estava contente com êle.

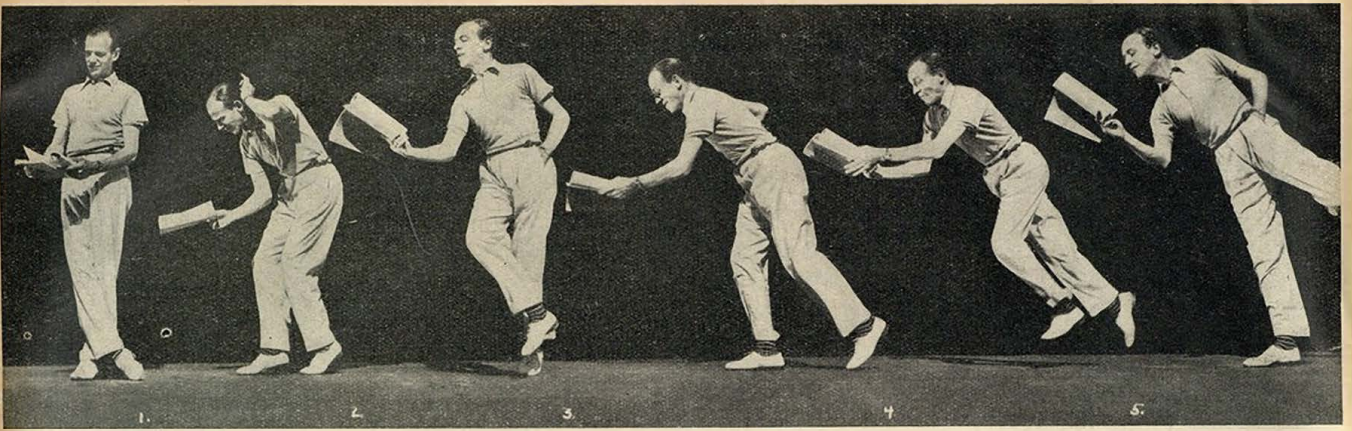
O grande público vai fixar um novo grande artista. Nas cenas já filmadas, Rôul demonstrou-me o que vale o espirito de disciplina, o entusiasmo profissional, o dedicação, o desinteresse material, quando, como no caso dêle, se lhe entrega um papel que vale tôdo uma carreira de actor.

Nunca dirigi um artista tão interessado pelo interpretação que está o fazer. Vivo para ôste trabalho. Não pensa noutro coisa. Emagreceu. Os dias decarrem-lhe numa agitação febril que êle próprio não sabe explicar. Se chegarmos ossim até ao fim — temos razão para estar contentes.

E permito-me você que não fale de mais ninguém, por enquanto. Tenho colaboradores excelentes e alguns primeiros artistas. Que êles me perdoem o excepção que abri, mas que, me parece, se justifica.

Sempre obrigado a certo comarado,

LEITÃO DE BARROS



# O RITMO DO JAZZ...

**E**STAMOS a ouvir o leitor, debruçado sobre esta página dizer com simpatia: — o Fred Astaire...

É que este artista é dos poucos que se afirmam logo ao primeiro ou segundo filme, criando entre o público um ambiente de benévola expectativa para futuros trabalhos.

Expoente máximo do bailado americano — lhe chamaria o conselheiro Acácio — que goza ainda de excelente saúde e subida consideração.

O caso é que com Fred Astaire se começa a tomar a sério uma manifestação artística que até agora não passara do «charlston» e dum sapateado mais ou menos habilidoso e sempre monótono.

Ele soube melhor que ninguém emprestar ao bailado americano elegância nos gestos, leveza nas atitudes — e uma alma que não tinha.

Dizia-se que o «charlston» era filho espiritual das danças primitivas dos pretos importados outrora de África. Por um paradoxo da Natureza, parece que o algodão nasce com mais branquura quando é tratado por mãos negras...

Nos bailados de Fred Astaire talvez

se notem ainda reminiscências desse ancestralismo, como também nos pérgos sumarentos e preches de vilaminas se encontra o ácido prússico, escondido nos caroços...

\* \* \*

A agilidade de Fred, por vezes quasi inverosímil, tem necessariamente por base uma prática intensa de sport.

Pelos seus passos se adivinha que quando andou na escola não deveria ter sido muito aplicado em geologia, mas que em compensação alcançou sempre brilhantes notas na gymnástica.

Não por ser estúpido, mas simplesmente porque cada um nasceu para o que é. E a sua carreira de bailarino foi ditada pela intuição admirável que possui do ritmo.

Com o esplêndido ouvido de que é dotado, também poderia ser chefe de orquestra ou, talvez, engenheiro. Estamos a vê-lo numa grande oficina distinguir, pelo bater cadencioso das máquinas, qual a que desajina do conjunto.

Se atendermos a que Fred Astaire é muito bom actor e também canta nas

horas vagas, temos que concluir que não lhe será difícil arranjar uma companhia que o segure contra o desemprego...

\* \* \*

Outra particularidade que ressaltava dos seus bailados é o franco optimismo que deles irradia.

Fred seria incapaz de dançar a «Morte do Cisne», nem interpretar um daqueles taugos, trágicos e fatais, do estimável Discépolo.

Como igualmente estamos certos de que assistiria a um festival de fado com a mesma curiosidade com que se presenciera uma sessão de fakirismo...

A declaração de amor a Ginger Rogers na «Alegre divorciada» é um bellissimo poema que não pode deixar de acabar num triunfo amoroso.

É preciso vê-lo transportado no ritmo do «jazz». Já o sentimentalismo da valsa, traduzido na languidez dos passos que repelem sempre o mesmo lema, não se coadunaria com a sua «maneira», exuberante de fantasia e de vida.

Isto não significa que falle espiritualidade aos seus bailados: simplesmente

ela não assenta em remências ou outras especulações doentias.

\* \* \*

É Fred Astaire que cria os seus bailados, temos dizer que os improvisa, pois custa a acreditar que seja possível repeli-los.

São ilegíveis os arabescos que os seus pés traçam no chão, ao roçá-lo de leve...

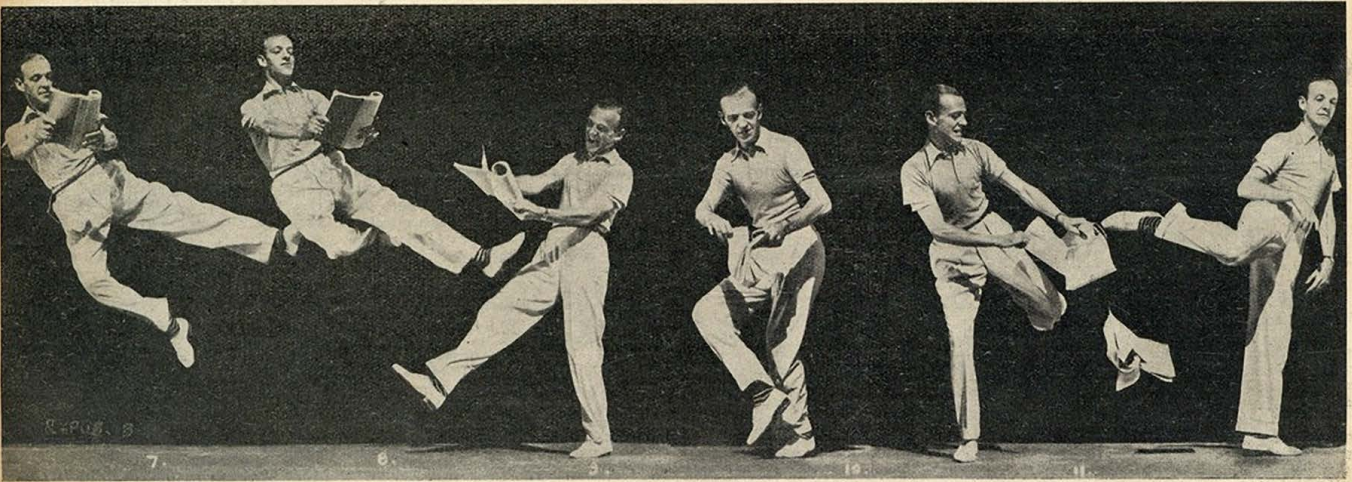
As figuras que ilustram esta página e parecem animadas de movimento, são uma «blague» americana.

Estamos convencidos de que o dançarino não segura nenhum compêndio da arte de dançar. Quando muito trata-se de um caderno de apontamentos em que pensou porventura descrever algumas das suas transgressões à lei do equilíbrio.

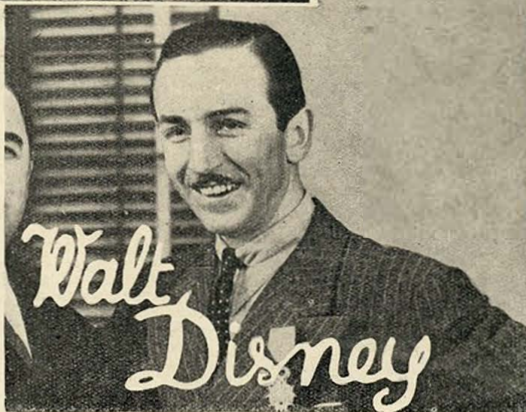
E, a ser assim, vê-se que é próprio reconheceu que era impossível transpôr para o papel a criação do momento, a arrevesada linguagem de que os seus pés se servem para nos falar do ritmo.

Também nos apetece rasgar este artigo, ao vermos que as gravuras são bem mais eloquentes do que lidas as palavras que aqui ficam.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES



# Qual será o futuro do depõem. Cinema



**N**O momento em que a firma americana «United Artists» celebra a sua reunião anual em Hollywood, parece - nos interessante arquivar as opiniões, sobre o futuro do cinema, de quatro grandes figuras do mundo cinematográfico, estreitamente ligadas àquela firma: *Charlie Chaplin, Walt Disney, Mary Pickford e Douglas Fairbanks.*

Chaplin, o maior génio do cinema, é uma das autoridades máximas na matéria. Disney é o criador do rato Mickey e dos desenhos coloridos, que, na opinião de várias pessoas, constituem o mais alto grau do desenvolvimento estético do cinema. Mary Pickford, cujo nome ficará sempre ligado à História da Setima Arte, foi uma das primeiras grandes vedetas da tela. Finalmente Douglas, o americaníssimo Douglas, renovou o género romanesco, imprimindo-lhe uma facilidade optimista e uma despreocupação aparente nas cenas mais emotivas.

Eis o que pensam tão ilustres personagens do futuro do cinema:

## CHARLIE CHAPLIN

Estamos em vésperas duma nova era de prosperidade. Por outras palavras: dentro em breve, verificaremos uma melhoria considerável no mundo. O pessimismo tende a desaparecer da face da terra.

Os «Artistas Associados», organização a que tenho a honra de pertencer, convicia das optimistas promessas dum futuro próximo, decidiram ir mais além das suas próprias possibilidades. Quanto a mim, suponho que *Tempos Modernos* é a melhor de todas as fitas que tenho feito.

Antes do fim do ano, conto realizar um filme falado, no qual não tomarei parte. Há anos, realizei *A Opinião Pública*, um filme mudo. Não o interpretei, mas fiz o argumento e a *mise-en-scène*. Nesse tempo, constituiu uma inovação. Deu-se um passo em frente. O meu fim, na película que tenciono realizar, é esse: construir algo de novo, qualquer coisa de inédito.

Se bem que não goste de fazer projectos com demasiada antecedência, tenciono ainda realizar uma comédia, onde aparecerei, segundo a minha forma habitual, num papel familiar, ao gosto do público.

## WALT DISNEY

A cor, pouco a pouco, invadiu os nossos desenhos coloridos. Hoje os *Mickey Mouse* e as *Silly Simphonies* têm as cores do arco-iris.

Há alguns anos, applicámos, pela primeira vez, o processo technicolor, nos desenhos coloridos. Desde então, quasi todos os grandes estúdios que produzem desenhos adoptaram a cor para os seus filmes. A principio, era uma inovação. Mas hoje, desde que a cor conquistou o filme — o público espera. O problema não reside apenas em juntar as cores a uma história em preto e branco — mas sim em utilizar com inteligência a cor, a fim de tirar mais partido dos assun-

tos, não só sob o ponto de vista estético, como dramático. Hoje fazemos as histórias segundo as directrizes das cores — e, nesse sentido, técnicos especiais investigam e trabalham.

Temos fé no futuro dos desenhos animados, como ramo do cinema. Nunca realizaremos um filme, para o momento presente, mas para o futuro. Pretendemos elevar o nível das nossas produções. Não só aperfeiçoando a cor, mas os argumentos, a técnica, a música, efeitos sonoros e outros pormenores dos desenhos.

Erramos nos domínios da fantasia pura, porque não empregamos personagens reais: *O lobo feroz* será sempre o lobo feroz. *A tartaruga Toby* será sempre e só a tartaruga Toby. Queremos convencer os espectadores de que as nossas personagens vivem.

Eis algo do nosso esforço para aperfeiçoar os nossos filmes. O futuro continuá-los-á — espero.

## MARY PICKFORD

Em 1919, quatro artistas assinaram um acôrdo que ficou na História do cinema e que se traduziu na fundação dos Artistas Associados. Foram signatários Charlie Chaplin, Douglas Fairbanks, D. W. Griffith e eu própria. Chamavam-nos os «Big Four» (os 4 Grandes)!

A nossa acção era a concretização dum ideal. Revoltávamo-nos contra uma concepção de cinema, que ditava a própria morte. Aboliamos os entraves comerciais para fazer Arte pela Arte. Contra o filme feito em série, iniciávamos a luta do artista que quer viver. O nosso esforço tinha por fim dar asas aos produtores isolados.

O programa de então — é o mesmo de hoje. Mas, no decurso da época que vem, prometo introduzir-lhe importantes inovações. Tornei-me produtora independente. Vão ver, dentro em breve, na tela: «Mary Pickford apresenta...»

Estou em negociações com um produtor cujos

(Continua na pág. 15)

# Duas Cidades

RONALD  
COLMAN

E

ELIZABETH  
ALLAN

EM

D U A S  
C I D A D E S

(A Tale of two cities)

A IMORTAL OBRA PRIMA DE **CHARLES DICKENS**, TRANSPORTADA PARA A TELA COM INULTRAPASSAVEL GRANDIOSIDADE E MAGNIFICÊNCIA

A REVOLUÇÃO FRANCESA — A TOMADA DA BASTILHA — AS HECATOMBES NA GUILHOTINA — LONDRES E PARIS NA EPOCA DO TERROR — TODA A SANGRENTO TRAGEDIA DO 93.

ARS GRATIA ARTIS  
Metro  
Goldwyn  
Mayer

Um magestoso espectáculo de gala do Ano Máximo da Metro-Goldwyn-Mayer



# Beatriz Costa a mascote de Lisboa

**A**S grandes cidades têm sempre certas características estranhas que fazem parte integrante da sua fama, do seu cartaz turístico, da sua lenda de atractivos e prazeres.

Paris é visitada por inúmeras pessoas que não foram atraídas pela fama do Museu do Louvre mas sim pelas revistas do *Casino* e das *Folies*, pelas pernas famosas da já cansada Mistinguette, pela importada Josefina Baker, pelos *cabarets*, pelo *café-concerto*, pela vida boémia do Quartier-Latin e de certos cafés de artistas, pelas valsas dos bairros populares, cheias de personalidade — essas valsas que René Clair soube imortalizar no *Sur les Poits de Paris* — pela Praça da Concórdia e pelos Campos Elísios e uma infinidade de variadas coisas diferentes, diferentíssimas, que por vezes não chegamos a saber porque se notabilizaram, mas que marcaram, incontestavelmente, uma época e que conseguem aumentar a nomeada dos grandes centros — cheios de coisas insignificantes.

Lisboa possui igualmente todos estes sintomas de grande cidade, embora seja por vezes demasiadamente pequena em certas atitudes.

Lisboa é para as outras terras de Portugal o que Paris é para a Europa. ...E possui características extraordinárias esta «cidade quasi linda e quasi abórito!»

Lisboa, sem a incomparável Alfama das ruas tortuosas com escaadinhas, sem as janelas floridas com cravos e sardineiras, sem as anémicas nespereiras e os complicados estendais de roupas a secar, sem os galos duma antipatia-simpática, sem as varinas e os pregões, sem a Brasileira do Chiado, os pardais da Avenida, as idas ao Ginjal e os toiros no Campo Pequeno, sem as estreias do S. Luiz, os boatos do Rossio, a *injecção* do fado e as últimas novidades na montra da Bertrand, sem o cauleiro fardado... Lisboa, sem a franja da Beatriz Costa, não é Lisboa, não pode ser Lisboa.

Quando a Tobis nos rouba a sua alegria comunicativa para a levar para a Quinta das Conchas, sentimos sincera e imensa falta dessa falta. Inúmeras noites, quando vagueamos aborrecidos pelas ruas e cafés, vamos cair na cadeira dum teatro de revista, desejosos que passem todos os quadros que já vimos trinta mil vezes e esperamos pacientemente pela Beatriz Costa, a pequena Beatriz Costa que enche o teatro com a sua mocidade sã e irrequieta.

Depois as suas criações são inúmeras e sempre diferentes, completamente diferentes. Multiplica-se numa infinidade de aspectos que cria especialmente para cada número que lhe escrevem. E esses números são por vezes extravagantes e mesmo assim consegue — não defender-se — mas sim impor-se como extraordinária artista que é e sabe ser.

Está neste caso o recentíssimo «rapaz dos cigados», que trizava nas sessões do pseudo-teatro da rua da Palma — a rua dos móveis detestáveis.

As interpretações de Beatriz Costa ficam gravadas no nosso espirito e recordamo-las com um mixto de saudade e alegria.

E as suas frequentes passagens pelo cinema... Lembram-se da «Minha noite de Nupcias»? Da sua actuação na «Lisboa» de Leitão de Barros? Isto para não falar num filme de Rmo Lupo, que nunca chegou a exhibir-se e em que Beatriz entrava; o «Diabo em Lisboa», era

este o titulo se não me fallia a memória.

E na «Cangão de Lisboa»? Os seus amores, os seus ciúmes, as suas zangas... e afinal o António Silva lá a deixou casar com o Vasco Santana — o Vasquinho da Anatomia.

Após a estreia do filme, naqueles três meses seguintes, não se ouvia falar senão na Beatriz e no Vasco.

E muito brevemente lá volta o seu nome a andar na berra. Ao successo que vai obter na comédia que dentro em dias se estreia — e que demonstra mais uma faceta desta grande artista — junta-se o triunfo que por certo conseguirá após a revelação das suas interpretações no *Trevo de Quatro Folhas*.

Não veremos a Beatriz da franja, o que não quer dizer que seja uma Beatriz diferente. É sim uma nova Beatriz, cheia de *charme*, vivendo num ambiente luxuoso, em que não estamos habituados a vê-la. Mas não será unicamente a *vamp* que nos surge na noite da estreia do *Trevo*; é também a Beatriz Costa modesta, humilde mas alegre.

Não julguem que foi a rapariguinha modesta que deu um passo e com os anos se tornou aventureira perigosa, cheia de cinismo e maldade. Também não se deu a inversa. São, sim, duas personalidades completamente distintas, duas pessoas.

É já pensaram como vai ser agradável vê-la em dois papéis na mesma noite, agora que tem estado tão afastada do público. E esta uma das muitas originalidades que nos anunciam os produtores do filme.

Uma variada colecção de fotografias de Beatriz Costa invadiu as montras das casas comerciais. São tantas e tão diferentes que não podemos relacioná-las e imaginar a acção da película. Mostra-nos tantos fatos e os cenários são tão diferentes e tão pouco vulgares em filmes nacionais que ficamos desorientados.

Tudo isto nos enerva e aumenta-nos a curiosidade.

Há dias, estava à espera dum carro em qualquer das paragens da Baixa e quatro arduas andavam ali naquela algazarra característica da hora em que sai o «Diário de Lisboa». Pois a-pesar-de ser a melhor hora do negócio — a hora dos *carros-impenetráveis* — todos abatarem em correria louca quando do passeio fronteiro um outro gaio, de seis ou sete anos, lhes bradou: «Venham ver a Beatriz Costa!» Ela tinha parado por instantes junto duma montra e eles puseram-se de volta a mirá-la dos pés à cabeça.

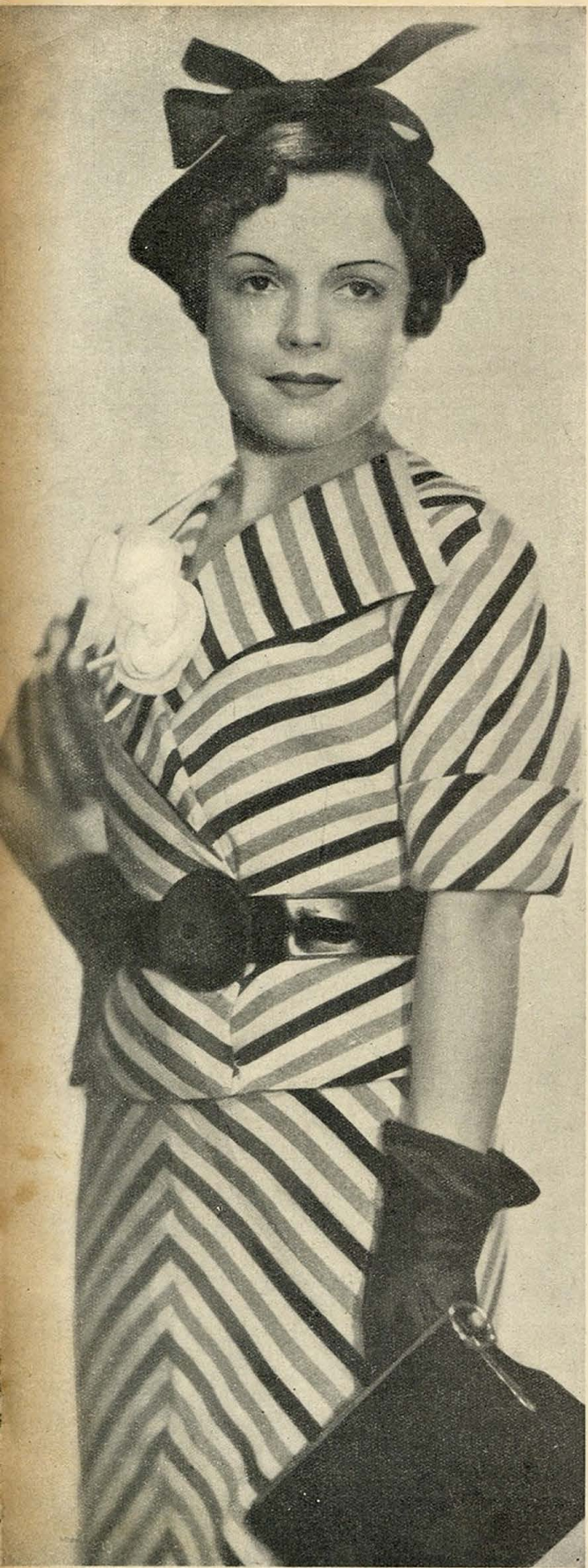
Mas este facto talvez não seja o mais representativo da sua popularidade.

Prefiro apontar a facilidade com que todos fazem caricaturas de Beatriz Costa. Um lapis e um bocado de papel e pronto, qualquer pessoa lhe sabe fazer a caricatura. E frequentissimo sentarmo-nos à mesa do café e sobre o mármore lá estar a caricatura da Beatriz.

Não concordam, portanto, que uma cidade em que os arduas de seis anos já conhecem Beatriz e que qualquer leigo a sabe caricaturar não deve elegê-la como um dos seus símbolos mais característicos e mais cheios de originalidade?

É indiscutível que Beatriz está tão integrada na alma lisboeta que ela, com a sua franja-símbolo, é a mascote de Lisboa, o seu *porte-bonheur*.

TAVARES FERNANDES



# A história duma rapariga que desenhava figurinos



bonito rapariguinho, que, com os seus 41 quilos de peso e 1 metro e 56 de altura, mais se assemelhava a uma bonequinho fugido de algum bazar parisiense, esqueceu-se da desenhadora dos seus figurinos para se transformar em descobridor de estrélas. E com modas entre galhofeiros e galanteadores, perguntou a Manique:

— A menino gostava de entrar para o cinema?

Manique Rolland, de princípio, esbugalhou os olhos. Depois reflectiu e expandindo a sua alegria, lançou os braços ao pescoço de «monsieur Raymond», gritando entusiasmadamente:

— Quem me dera!

lhar, aumentaram a categoria dos papéis a distribuir-lhe. E, assim, o laura Manique surge-nos, em Portugal, nos filmes «Estupéficientes», «O Testamento do Dr. Mabuse» e «Príncipe da Meia-Noite», que logo o tornam conhecido pelos cinéfiles portugueses. Interpretou ainda muitos outros produções de valia, tais como:

«L'Affaire de la rue Mouffetard», «Les Plaisirs de Paris», «Paris-Deanville» e outros.

E aqui têm o história duma rapariguinha que nasceu em Paris numa noite de neve, que possui olhos verdes e tem cabelos lauros.

ANTÓNIO FEIO

\* \* \*

E Manique daí a algum tempo, graças às influências de Raymond, iniciou a sua carreira, entrando na figuração de diversos filmes. Os seus papéis eram compostos de três palavras e os seus ganhos arçavam a 80 francos... Longe de desanimar, estudou e foi persistente. Isso valeu-lhe ganhar destaque, pouco a pouco. Os cineastas, reconhecendo-lhe valor e vontade de trabo-

QUELA manhã de primavera, quando a «miss» Teague entrou na aula, para ministrar a sua habitual lição botânica, os alunos o custo suspendem o riso. Mas assim que o velho «miss», melético e fronsino, infinitamente ridículo, acavalou os lunetas no seu nariz vermelho e pôs os olhos no quadro negro, os galhados reboaram pela sala.

Pobre «miss» Teague!

Aquela caricatura que alguém desenhara ardósia, com gis de côres, apoucando o figura extremamente caricato, era um rajete para uma súbdito de Jorge V. E te um gesto seu, onde se reflectia toda sua nervosa indignação, o silêncio rejeitou-se. Só o voz do infeliz professora, gaguejou o custo:

— Fico o classe castigado! Domingo iguém vai passear. E, agora, menina us, limpe o quadro e venho dor lição. quantos portes se divide o planto? Os garatos estavam pesarosos. Um dango de enclousramento, sem irem para o campo, era o pior castigo que diam dar aos alunos do Colégio Clamart. Porém, no fim da aula, todas viram o diabrada Manique dirigir-se para «miss» ague e, cheio de lealdade, dizer-lhe: — Não castigue a classe! Fui eu que fiz desenho porque a detesto... Ouviu?

E o aluna N.º 35, de nome Manique Rolland, viu, na domingo seguinte a classe ir para o campo o gozar o seu dia de férias, enquanto ela ficava carpindo a seu

enorme ódio pela colégio, pelos professores e por aquela prisão estúpida onde os pois o tinham enclousurado, alegando o sua educação.

\* \* \*

Manique tanto pensou no seu infortúnio, tanto cogitou no maneiro de alcançar o liberdade almejado, que, quando a tarde caiu e os alunos regressaram ao colégio entoando o Frère Jacques, Rolland já ali se não encontrava.

Resolvera fugir. Fôro buscar refúgio no lar dos avós que muito o estimulavam.

Os pois para castigo do filho colocaram-na numa escola de desenho, onde o disciplina era severo e implacável. O seu estudo consistia em aprender a traçar figurinos modernos, que eram enviados para os melhores costureiros de Paris. Mas o crise em breve sobreveio e os trabalhos começaram o escossear. No entanto, as linhas elegantes de Manique e as modelas arrojadamente belas que ela criava, conseguiam, por vezes, combater o folto de cabedais na sociedade parisiense e entusiasma-la o adquirir os seus trabalhos. Foi por isso que o costureiro Raymond um dia mostrou desejo de conhecer tão extraordinária artista.

Manique lá foi!... Nunca o simpático estrelinha esquecerá essa tarde. Marca o início do seu felicidade. Raymond estava encarregado de fornecer o guarda-roupa para um grande filme francês. Ao ver a



# À MARGEM DO CINEMA

## As mulheres preferem o Drama

A afirmação que serve de título a este artigo, não foi escrita ao acaso, nem para parafrasear os escritores que usam o verbo *preferir* com verificada frequência. Não escrevo «As senhoras preferem o drama», só porque já se escreveu «As mulheres preferem os fortes», e «Os homens preferem as loiras...» O modo dogmático da frase que encabeça estas palavras é produto dum estudo reflectido e aturado, das senhoras, perante o decorrer dum espectáculo. Afirmo que «As mulheres preferem o drama» porque as vejo delirar com a sentimentalidade piegas dos filmes em que a heroína sofre. E as espectadoras, que foram ao cinema para se divertirem, choram com ela. À saída, pode lê-se-lhes nos olhos muerados pelas lágrimas, a satisfação duma noite bem passada...

À primeira vista, parece-nos que uma pessoa que, mórmente nestes tempos de avassaladora crise, paga o bilhete para assistir a um espectáculo, o faz para se distrair um pouco das aguras da vida.

É certo que nem todas as vidas são iguais. Mas se é um facto que «todos trazem consigo uma tragédia», era natural que se procurasse esquecer, ao menos por momentos, essa tragédia, pre-

sençando um espectáculo sadio, alegre até. Deveria ser este, a nosso ver, o fim de toda a gente que procura no cinema uma distração. É, porém, absolutamente certo que não é assim.

Mal vai o caso se as senhoras, durante o decorrer do filme não ensopam, pelo menos, dois lenços...

Se tal se não dá, é, absolutamente, porque a fita não tem sentimento ou porque os intérpretes *não convencem*...

Eu estou daqui a calcular o sorriso com que muitas senhoras lerão estas palavras, e comentarão: — Coitado! Que saberá ele da sensibilidade da mulher?

Mas tenham paciência. As senhoras preferem o drama, porque gostam de se torturar. Preferem os filmes trágicos, porque isso lhes dá ocasião a que sofrem e sobretudo a que chorem, — que é uma coisa que as mulheres apreciam imenso...

E é ouvi-las, no dia seguinte, contar às amigas:

— «Não sabes o que perdeste por não ter ido! A fita é estupenda! Calcula que morrem três pessoas... E o que a heroína sofre?! Sabes lá! Eu e a mamã, levámos toda a noite a chorar! Divertimo-nos imenso...»

Ante um espectáculo de bom humor, a alma feminina fica indiferente. As senhoras gostam de Charlot, só por ele



O vendedar de jornais dos estúdios foi, noutro dia, surpreendida a escalar um muro, pura ver Joan Crawford representar. A vedeta achou-lhe graça, e mandou-o entrar. O miúdo, no dia seguinte, reconhecido, levou-lhe um ramo de flores. E esta fotografia perpetuou tão singela homenagem



Elfriede Sandner

Elfriede Sandner, uma promessa magnífica do cinema alemão

ser o maior trágico do cinema. De resto, os cômicos do «écran», que agradam aos homens e fazem delirar as crianças, não conseguem reunir grande número de simpatias femininas.

Martirizado na labuta do dia-a-dia, o homem procura, nos vários espectáculos, o gozo que o divirta. A mulher, para quem a vida, — na generalidade, é claro, — é menos preocupada, vai ao cinema para encontrar o motivo de tortura que a Vida lhe não dá, porque é generosa para com elas, e que o marido lhe evita, — porque é, afinal, boa pessoa...

Assim, os artistas que sofrem no «écran», e fazem, com eles, sofrer as plateias femininas, ascendem, facilmente, à categoria de ídolos. O seu sofrimento toma vulto no espírito das suas admiradoras, que já os não poderiam ver fóra da sua *profissão* de torturados. E se um dia, os caprichos da sorte ou dos realizadores fizerem desse artista, em qualquer filme, um homem feliz, a pretender convencer pela alegria e pelo optimismo, — a nosso ver esplêndidos e convincentes argumentos, — eles cairão do pedestal onde se encontram no coração das senhoras, e passarão, lamentavelmente, a não as interessar...

«As mulheres preferem o drama». E preferem-no porque se divertem a chorar pela triste sorte dos amores da heroína e pelo sofrimento do «galã», que é, geralmente, um rapazinho muito simpático e digno de melhor sorte...

E, porque as mulheres, às vezes, gostam de coisas aborrecidas é que eu me sentirei muito feliz se souber que, desta vez, as minhas palavras não agradaram às senhoras...

## Os que leem alto

Outrora, nos tempos luminosos do «mudo», já existia a grande e perli-

gosa legião dos que lêem alto nos cinemas, sem respeito pelos ouvidos nem pela paciência dos outros.

E eu, que era dos que mais sofriam com esses egoístas e aflitivos espectadores, pensei aliviado que, com o advento do sonoro, esses cultos espectadores se entreteriam a ouvir as vozes das vedetas, e deixariam de demonstrar publicamente, como antes, que tinham, pelo menos, o exame de 1.º grau. Porém, por meu mal e de todos os pacientes e sofrendores frequentadores dos nossos cinemas, o martírio redobrou, porquanto esses nocivos espectadores não deixam de ler em tom alto as legendas, simplesmente porque, a mór parte das vezes não compreendem palavra da língua em que o filme é falado. Assim, e partindo do princípio que os vizinhos são todos analfabetos, aqueles beneméritos falam alto, explicam-se mutuamente as situações duvidosas, e procedem como se estivessem em casa, a explicar ao filho ou ao irmão mais novo a lição de história para o dia seguinte.

Há tempos, tive a «sorte» de apanhar ao meu lado um casal de «pombinhos». Ele, já tinha ido ver a fita na véspera, e, como gostara muito, resolvera levá-la a ela. E, como qualquer «cicerone artístico» explicava, com antecedência, o que se ia passar, cortando assim, aos demais espectadores, o prazer inegável e precioso do imprevisto no cinema.

A bem do Cinema, a bem de todos os sacrificados espectadores, daqui apelamos para os letrados eruditos, suplicando-lhes que nos deixem com a nossa incultura e ignorância, mas que, por amor de Deus ou da Greta Garbo não nos leiam mais nada em voz alta...

ANIBAL NAZARE

A mãzinha é a mulher mais linda que eu conheço. Usa um perfume como o das flores. As mãos dela são tão macias, que conseguem tratar-me os joelhos esfogados sem fazer dó. A mãzinha é alta e se bem que eu tenha já sete anos ainda não lhe chego ao ombro. E não calculam como ela sabe brincar! Não o faz, por comprazer, como a «fraulein». Brinca comigo aos soldados, e eu sou sempre o capitão, como é natural — porque sou homem.

O quarto da mãzinha é muito grande. Fui lá noutro dia, quando ela saíu — para matar saudades. Ela agora sai muitas vezes com aquele oficial tão simpático, sempre vestido de branco, e que tem um cavalo estupendo. Gosto muito d'este oficial, porque a mãzinha gosta muito d'ele. Posso-o garantir. Ela sorri sempre quando fala com êle, e olha-o, com os seus lindos olhos, tal qual como quando me vê! Tenho a certeza que ela gosta muito d'ele, porque noutro dia, ouvi-lhe dizer: «Alexei, enlouceste!» É o que ela me diz, quando eu salto para os seus joelhos. a beijo e lhe trinco as orelhas.

Onde estará a mãzinha esla noite? Não veio embalar-me e rezar comigo a oração da noite. Não queru adormecer antes dela vir. Se fôsse capaz, iria ter ao seu quarto, melia-me na cama dela — e ali não teria medo de nada. Mas linha que atravessar o corredor, tão comprido e tão sombrio. E lá fora o vento parece um cão, muito grande, a uivar...

Tenho medo dos dragões que dançam nas paredes e no tecto... Mas não... São as sombras da lamparina, que se baloça lentamente. Porque é que a mãzinha não vem? Os dragões fugi-



# ANNA KARENINE

riam, e o próprio vento deixaria de fazer barulho, estou certo.

Como a noite é negra! Estou sózinho, perdido numa grande floresta. Em redor de mim, por toda a parte, cavalos gigantesos correm em tropel. Tenho medo d'estes animais medonhos, imensos, com asas desconformes, como as dos morcegos. Um persegue-me... Mãzinha!

— Que tens tu, filhinho? Foi um pesadelo?! Pronto, já lá vai... Não é nada. É o vento. Dorme, meu rapazinho. A mãzinha está aqui.

— Esqueceste-te de me vir dar o beijo da noite... Onde foste?! Tive tanto medo... a lamparina... os dragões dançam na parede...

A mãzinha está ao pé de mim. Beijame. Uma luz suave parece envolver o quarto inteiro.

## Jornal do Conde Vronsky, depois da morte de Anna Karenine

Anna! Anna! Porque procedeste assim! Eu gostava de ti! Teria voltado. Supões, porventura, que poderia esquecer o mel dos teus lábios, o perfume dos teus cabelos?! O regimento, o exército valem alguma coisa — agora, que te perdi? Nada existe de momento, senão o vinho que entontece, o «vodka» que queima e nos enlouquece. Porque eu estou doído. Morreste — e continuo a ouvir a tua voz a ciciar-me segrêdos, como em Venesa. Lembras-te de Venesa, Anna? A água,

negra, brilhante, cereava o terraço onde tu tanto gostavas de estar, à noite, a olhar para o céu, onde as estrelas são mais vivas e mais luminosas que na nossa Pátria. Desde que vivemos essas horas, essas noites — não podia duvidar do meu amor, Anna.

Mas tu não nasceste para os dias brilhantes da Itália. Eras russa, e continuas a sê-lo, para além da morte. O nosso paraíso, localizou-se nas margens do Grande Canal. E da Rússia, por isso, que guardo as mais gratas recordações do nosso amor.

Lembro-me de ter ver, com o teu fato branco, bordado, leve, a passear nas áleas do jardim, abraçada ao teu filho. Cheguei a ter ciúmes d'ele, e no entanto adorava-o porque adivinhava, nas suas feições, juvenis e imprecisas, as linhas admiráveis do teu rosto.

E quando dançaste a mazurka?! Foi o nosso segundo encontro. Entre tódas as mulheres — eras a mais bela. O teu sorriso, Anna, era a alegria, um riso de garota feliz, o orgulho duma mulher, admirada e coquette! Era um sorriso perturbador — uma promessa.

E quando te surpreendi, um dia na igreja, ajoelhada nas lages frias?! No que pensavas, imóvel, ante a virgem negra de Kagan, cujas cem velas banhavam a face duma tonalidade rosa, movente?! Parecias mais pequena, perdida assim, no meio das outras mulheres, que ali resavam.

Anna, douchka! Choras-me e choras a minha vida?! O regimento! O vinho! As mulheres? Sim, há também as mulheres... Noutro dia, obriguei Sirko, a cigana, a dançar, nua! Imagina que ela se recusou. Então regámos-lhe o fato com champagne, e arrancámos-lo para o secar... Amor, queres saber o resto?!... Ris-te?!... Chega-te para o pé de mim! O resto — é o mais engraçado.

## Os indiferentes

Dois homens, dois vagalundos, sentaram-se sobre um madeiro coberto de neve. A noite, húmida e negra, caía lentamente. Os «rails» do caminho de ferro vinham da estação como duas fitas paralelas estendidas sobre a neve branca e monótona.

— Passa-me a garrafa! Tenho sede!... Sempre que aqui passo, arrepio-me! Foi aqui que encontraram a pobre rapariga.

— Pobre rapariga?! Mulheres assim podiam-mas dar, que não as queria. Passam o dia a pôr pó de arroz, a perfumar-se, a lavar a cara, como as gatas, e a fazer os homens perder a cabeça... E se as largam, pronto: atiram-se para debaixo do combóio, como se ganhassem alguma coisa com isso.

— Não fales assim! Ela devia ter sofrido muito, para se decidir a tanto! E era tão linda. Tinha os cabelos tão loiros, que até me fez impressão saber que estavam cheios de lama...



## Freddie Bartholomew

Em Hollywood, onde o culto dos heróis é, geralmente, uma questão de momento, começa a formar-se uma lenda em torno de um menino.

Em todas as festas, tanto vedetas da tela como modestos empregados dos estúdios, comentam as aventuras de Freddie Bartholomew, o menino inglês que, num abrir e fechar de olhos, escalou as alturas da fama em *David Copperfield* e, recentemente, em *Anna Karenine*.

Educado dentro das severas tradições inglesas, as maneiras e comportamento de Freddie causam impressão na colônia cinematográfica, que não se destaca especialmente pela sua formalidade em assuntos da vida diária...

Por outro lado, Freddie acha deliciosos os costumes americanos e faz por imitá-los freqüentemente, com resultados extraordinários, na maioria das vezes.

Freddie acaba de assinar um novo contrato a longo prazo.

Se certo superintendente dos estúdios pudesse impor cláusulas, provavelmente o contrato teria sido firmado com uma cláusula que lhe proibisse o uso de canivetes.

Inspirado no facto de que alguns de seus camaradas dos estúdios esculpem as respectivas iniciais nos postes telefônicos e nas árvores, Freddie resolveu fazer algo melhor. Quando aguardava o momento de assinar o contrato no escritório do vice-presidente, Freddie divertiu-se esculpindo suas iniciais no espartilho de couro de uma cadeira.

Terminada a obra, entrou o superintendente, que lhe fez um sermão. Era a sua cadeira favorita. O bom homem estava na parte culminante da sua peroração quando o vice-presidente apareceu na porta do escritório e chamou Freddie com um sorriso. Só assim o pequeno se livrou do resto da repreensão.

Pouco depois, o genial intérprete infantil de *David Copperfield* fez algo muito característico. Foi procurar o superintendente e entregou-lhe o canivete, pedindo-lhe que o guardasse durante um mês.

A-pesar-das suas maneiras polidas, de *gentleman*, Freddie deixa-se levar uma vez ou outra por alguma travessura própria da sua idade. No dia do seu aniversário, Freddie ganhou uma bicicleta do produtor David O. Selznick, com uma condição: de andar somente dentro dos estúdios.

Menos de uma semana depois, um dos guardas dos estúdios declarou que tinha visto Freddie, na bicicleta, na passagem estreita de um tanque de cimento da companhia. O menor desvio teria sido fatal! Por isso, Freddie perdeu a bicicleta por trinta dias, prometendo não voltar a repetir tal façanha...

Tendo-se estreado numa segunda-feira, habitual das estreias naquele cinema, um filme dobrado em português, que o público recebeu, então com entusiasmo, pelo menos com certo interesse, essa película a meio da semana, deixou de ser anunciada e pouco depois foi retirado do «écran».

Não se tratou de ausência de público, como pode facilmente supor-se, nem qualquer contrariedade dimanada da empresa do referido cinema que deu origem ao facto.

Motivos, a que a aludida empresa é absolutamente estranha, assim o determinarão, sem que nenhum desses motivos seja relacionado com a habitual exploração do mesmo cinema.

## A próxima temporada

Sabemos que a Aliança Filme, desta cidade, que representa, em Portugal, a conhecida empresa americana R K O — Rádio, e que esta época nos deu algumas produções de grande mérito, tem quasi totalmente preparados os seus programas para a próxima temporada.

Segundo o seu «Boletim de Informações», que a Aliança Filme distribui quinzenalmente por todos os exhibidores nacionais, e de que já recebemos os três primeiros números, vemos que no próximo inverno teremos algumas produções de grande vulto, sobretudo interpretadas por Fred Astaire, Ginger Rogers e Katharine Hepburn, astros que, com o mais invulgar êxito, esta firma lançou esta temporada em Portugal.

Além das produções destes consagrados artistas, outras de grande valor serão incluídas nos seus programas, entre as quais algumas películas feitas pelo novo processo de tricromia, filmes de grande metragem que, por certo, a avaliarmos pelo êxito obtido por «La Cucaracha», obterão o mais franco acolhimento do público.

## Época de «réprises»

Nos anos anteriores, alguns dos nossos primeiros cinemas, durante o verão, organizaram umas curtas épocas de «réprises», a preços económicos.

Por enquanto, ainda nenhuma das empresas tem resolvido qualquer coisa em definitivo sobre o que farão este ano, sendo, no entanto, muito provável, que o facto se repita.

Indo, porém, depende do tempo. Como no norte, as romarias se sucedem quasi ininterruptamente, se o calor aperta, é certo e sabido que nenhum resultado pratico dão essas explorações se, pelo contrário, o verão é fraco então é natural que o exemplo do passado frutifique.

CARLOS MOREIRA

## NOTÍCIAS TELEGRÁFICAS

Steffi Duna é a vedeta principal em *I Conquer The Sea*, produção de Victor Halperin.

— Lois Moran reaparece... no palco. Ela e Conrad Nagel tomam parte na peça *The Petrified Forest*.

— Bette Davis e George Brent reinem-se mais uma vez em *The Golden Arrow*, da Warner.

— *Farmer in the Dell*, tem Jean Parker, Franz Albertson, Fred Stone e Maxine Jennings, como principais intérpretes.

— A Paramount vai filmar a vida de Houdini. George Raft será o intérprete.

— Ida Lupino e Edward Everett Horton rodariam Francis Lederer em *One Rainy Afternoon*, da Lasky-Pickford.

— A malograda Thelma Todd (de cabeleira preta, mais uma vez) e António Moreno, também aparecerem em *The Bohemian Girl*, a nova comédia de longa metragem de Oliver Hardy e Stan Laurel, para Hal Roach.

— *Imported From Paris* é o novo filme de Lubitsch. A estrela é Carole Lombard e o assunto, as aventuras de uma espia de modas nos grandes magazines franceses.

— Lupe Velez, chegando em Paris, verificou que o pretenso contrato para filmar *Valses de Paris* era puro bluff... O barulho foi tipicamente Lupe Velez...

— Marcel L'Herbier dirige Jean Murat e Renée Devillers em *Le Voleur de Femmes*, nos estúdios italianos de Tirrenia, filme baseado no romance de Pierre Frondaie.



Claire Trevor numa elegantíssima atitude

## CARTA DO PORTO

## O princípio do fim...

COM a entrada, embora tardia, da primavera e com a aproximação, a passos agigantados, da estação calmosa, o interesse, que por vezes atingiu o auge, do público pelos grandes espectáculos cinematográficos, vai entrando em franco declínio.

Com o mês de Junho, então, dá-se por terminada a temporada cinematográfica que node ainda arrastar-se durante mais dois meses, mas sem grande interesse da parte do público, nem apreciáveis resultados financeiros para os exhibidores.

Excepcionalmente, é claro, os cinemas estruturalmente populares, como o Carlos Alberto, Batalha e Rivoli que sofrem uma quebra menos sensível, que a dos grandes cinemas de estreias, na habitual afluência, visto que os seus «habitués», de um modo geral, não freqüentam praias nem termas.

Entram, então, em mais intensa actividade os cinemas dos bairros e principiam a animar-se os cinemas ao ar livre. Ficamos, assim na grande época das «réprises» em que os grandes êxitos e as banalidades se desenrolam numa parada heterogénea. É a arte en-

tra em todos os cantos, servindo todas as camadas sociais.

Este verão, porém, aguardam-se ainda, com grande ansiedade duas produções que têm despertado inusitada curiosidade entre o público.

São elas a produção nacional «O Trevo de quatro folhas» e o filme de Charles «Tempos modernos».

São as únicas películas que podem ainda animar, como num começo de «saisons», o nosso restrito meio cinematográfico constituindo, qualquer que seja o seu êxito, verdadeiros acontecimentos.

E essas noites, as noites da apresentação desses filmes, são as únicas que quebrarão o marasmo sempre crescente em que principiamos a estar, para, depois, entrarmos imediatamente na época, em que todas as actividades, e grandes são elas, se resumem a preparação, da parte dos alugadores, dos programas para a época futura.

Enquanto o Porto fica mergulhado numa sornia penumbra cinematográfica...

## Um caso invulgar

Causou certa estranheza entre o público o facto, na verdade invulgar, ocorrido há pouco no cinema Águia d'Ouro.

Uma profissão pitoresca:  
**ARRUMADOR DOS ESTUDIOS**

Raramente vê Joan Crawford ou Norma Shearer, mas visita constantemente os seus camarins.

Sabe a marca do perfume que Jean Harlow usa, que cor tem o novo tapete de Jeanette MacDonald e está também ao par da falta de utensílios de «maquillage» na mesa de Greta Garbo.

Ora trabalha na sombra da Rue de la Paix, ora numa falda rochosa das Seras, ora na areia da praia de Tahiti.

Referimo-nos ao arrumador-chefe dos estúdios da Metro, o prefeito nocturno de um dos maiores estúdios de Hollywood.

Começa a trabalhar, logo que o relógio bate meia noite, quando as câmaras deixaram de rodar, quando se apagaram as derradeiras luzes.

É, da meia noite às oito da manhã, monarca absoluto de um dos lugares mais fascinantes do mundo.

Sob seu comando, tem vinte e seis homens e sete mulheres, a brigada dos arrumadores e mulheres de limpeza. Sob a luz imponente de lâmpadas, usadas para o trabalho cinematográfico, entregam-se à sua tarefa «de polir a trilha do esplendor»...

A noite inteira, o «perfeito» anda pelo estúdio, inspecionando, dando ordens, esquecido de tudo menos do seu ofício.

Para ele, os soalhos forrados com tapetes dourados do cenário em que Joan Crawford apareceu em «Quero Viver a Vida» são somente um lugar que o aspirador eléctrico tem que limpar e onde as manchas devem desaparecer por meio do álcool.

Nada vê de engraçado no grande Teatro da Ópera onde foram filmadas algumas das cenas cómicas de «A Night at The Opera» dos irmãos Marx. É apenas um palco, cheio de armações que devem ser arranjadas e espanadas, uma enorme largura de soalho que deve ser lavado, instrumentos musicais que devem ser arrumados com cuidado e ténues vestidos de bailarinas e «extras» que têm que ser pendurados, com ordem.

Passa o dedo, desinteressado, pela lâmina da guilhotina de «A Tale of Two Cities», tão sem cerimóniosamente como no fogão do cenário da Missão de Limehouse, de «The Bishop Misbehaves».

Guardar os calções que Clark Gable usou em «Mutiny on The Bounty», o manuscrito da próxima palestra radiofónica de Jack Benny, os pentes com cabo de pérola de Constance Bennett, os apetrechos do polo de Spencer Tracy, o novo brinquedo de Freddie Bartholomew, as recentes gravações de Lionel Barrymore, o «robe de chambre» de seda de William Powell ou a nova descoberta literária de Robert Montgomery, não lhe significam nada mais que espremer o esfregão...

Vedetas ocupadas e distraídas, devem a devolução de muitos objectos valiosos ao perfeito nocturno e ao seu corpo de auxiliares. Há pouco tempo, um empregado modestíssimo achou um par de brincos de Joan Crawford. No dia seguinte, entregou-lhos sem perda de tempo.

Quando Johnny Weissmuller perdeu a tanga que usou em «The Capture of Tarzan», o escritório do arrumador recebeu uma chamada telefónica. Depois de procurar, por algum tempo, achou a tanga no meio de uma trouxa, junta com os trapos de limpar as janelas!

Uma vez deu-se por falta dum livro raro e valioso, que tinha sido emprestado por um museu a Norma Shearer para se preparar para seu papel em «Romeu e Julieta». Os estúdios comunicaram com o arrumador. O prefeito nocturno não tinha ligado a menor importância ao livro e arquivára-o simplesmente, na secção de objectos perdidos e achados.

Uma vida pitoresca — esta dos arrumadores...

**Qual será o futuro do Cinema**

(Continuação da pág. 7)

trabalhos recentes me entusiasmarem. Além disso, tenciono retomar a minha actividade como vedeta, em, pelo menos, dois filmes por ano. Mas nunca serei produtora e vedeta, ao mesmo tempo. A responsabilidade seria demasiada. A experiência ensinou-me que a vedeta dum filme nunca pode ser um bom produtor. O cinema viverá *for ever* — juro-o!

**DOUGLAS FAIRBANKS**

Cada vez se nota mais este facto: o cinema vive, progride! Depois da *mise-en-point* do mudo, a *mise-au-point* do sonoro. Hoje o som, amanhã a cor, depois — o relvê! Por mim, sinto, dia a dia, o cinema em constante renovação, ganhando novos encantos. E tenho como certo que ainda voltarei a interpretar o *Sinal do Zorro*, com todos os matadores, isto é: imagem, som, relvê e cor!

Porque o futuro do cinema é este!

**Como ela é TÔLA**



— Passa uma hora a arranjar os cabelos mas... tem o Nariz Luzidio

Ela é tão cuidadosa com a sua pessoa que passa uma hora, todos os dias, a arranjar os cabelos, para estarem penteados ao seu gosto. Não compra senão os psó de arroz mais caros — mas, o seu nariz brilha sempre. A menor transpiração, quando dança, a sua cara fica lamentável. O pó não se agüenta e a pele parece gordurosa. Se, ao menos, ela soubesse que um quasi nada de «Mousse de Crèmes», misturada ao pó, produziria uma formidável diferença! No Pó Tokalon, a «Mousse de Crèmes» está agora cientificamente misturada com o mais fino pó aerificado (processo patenteado). Torna o pó tão aderente que não desaparecerá, com o vento, com a chuva ou com a transpiração provocada pela dança nas salas aquecidas. Impede o menor vestígio de luzidio numa pele oleosa ou gordurosa. Não seca a pele, como o fazem os pós ordinários. O Pó Tokalon dá instantaneamente ao seu rosto um aveludado doce e fascinante — e conservar-se-á durante todo o dia. Felizes resultados são garantidos, ou então, o dinheiro é restituído.

À venda em todos os bons estabelecimentos. Não encontrando, dirija-se à génica Tokalon — 88, Rua da Assunção, Lisboa — que atende na volta do correio.

GRETA  
GARBO  
se viesse  
a Portugal  
só tomaria



**CHÁ LI-CUNGO**

o famoso chá português que não tem rival no estrangeiro

Pedidos à COMPANHIA DA ZAMBÊZIA

À VENDA EM TODO O PAIZ

SEIOS, VENTRE, VARIZES, Emogrecimento racional e correção de defeitos estéticos com produtos e tratamentos sob a direcção médica na



Academia Científica de Beleza  
Avenida da Liberdade, 35  
TELEFONE 2 1866  
LISBOA



**f é m i n a**

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras os mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras.

À VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores — Capa a cores

Esc. 1950

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

**Stadium**

A melhor revista de especialidade que se publica em Portugal

informa todas as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

**CINE-JORNAL**  
GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO  
Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. de Condesa do Rio, 37

Telefone 2 1268 e 2 1227

Comp. impressão e gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. de Condesa do Rio 27 — Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUHAL

52 números 1 ano ..... 48000  
25 " 6 meses ..... 24500  
12 " 3 meses ..... 12500  
Estrangeiro e Colonias, 52 num. 1 ano ..... 65000

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

# CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 31 — 18 DE MAIO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



**«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA**